

24/4/2000 Pg. A8
 211

Conflitos na festa dos 500 anos

Mudança da programação poupa FHC e comitiva da violência

Neyse Cunha Lima
 de Porto Seguro

O Auto do Descobrimento, encenado no sábado à noite, na Praia do Cruzeiro, no centro de Porto Seguro (BA), fechou de forma melancólica a programação comemorativa dos 500 anos de Brasil. Quem recebeu um dos 10 mil convites distribuídos para o espetáculo — ou pôde comprá-lo por até R\$ 100 na mão dos cambistas — foi sufocado pela fumaça dos fogos de artifício ou borrifado pela água malcheirosa utilizada para compor uma tela de projeção líquida que não resistiu ao vento vindo do mar. Do lado de fora dos tapumes que cercavam as arquibancadas, turistas e nativos se penduravam em árvores ou entravam em confronto direto com a Polícia Militar baiana, tentando participar de uma festa para a qual não foram convidados. O episódio — que teve como saldo sete pessoas detidas e pelo menos três levemente feridas — resumiu o espírito de toda a programação oficial. O ponto alto dos conflitos ocorreu em Coroa Vermelha, a 18 quilômetros de Porto Seguro, quando cerca de 4 mil pessoas, entre índios que participavam da Conferência Indígena 2000, estudantes, representantes do movimento negro e de outras organizações civis, tentaram ultrapassar uma das barreiras que impediam o acesso a cidade.

A PM baiana conteve a manifestação com cassetetes, balas de bóracha e bombas de gás lacrimogêneo e os índios responderam com flechas e pedras. No cômputo final, 141 manifestantes foram presos e pelo menos vinte ficaram feridos.

Uma barreira semelhante foi colocada na BR-367, um trecho de 60 quilômetros que liga Porto Seguro a Eunápolis. Embora o alvo do bloqueio tenham sido os cerca de 2 mil integrantes do Movimento dos Sem-Terra, estes optaram por evitar o confronto com a PM e assim não houve nenhum choque violento.

O presidente Fernando Henrique Cardoso ficou longe do conflito, reduzindo sua agenda e limitando o passeio por Porto Seguro aos três quilômetros que ligam o aeroporto

ao Centro Histórico da cidade. O evento cancelado foi a ida à Coroa Vermelha, que era o primeiro da agenda. "Só não fui lá porque os índios retiraram o convite que me tinham feito, devido a uma manipulação política de última hora", disse o presidente, em entrevista coletiva que concedeu mais tarde.

Com a mudança na programação, o grupo oficial foi poupado dos eventos violentos de Coroa Vermelha, o que não impediu que escapasse dos efeitos das manifestações. Um desses efeitos foi o atraso da refeição da comitiva presidencial, que ocupou o restaurante do Hotel Vela Branca, no Centro Histórico, enquanto Fernando Henrique almoçava com o presidente de Portugal,

Jorge Sampaio, e seus convidados, numa tenda árabe montada no jardim. É que parte do buffet de comida baiana encomendado para atender a comitiva foi retido no bloqueio da BR-367 e acabou estragando.

Fernando Henrique foi também alvo de um veemente protesto por parte dos 200 jornalistas credenciados para cobrir o evento que, in-

satisfeitos com o longo período de espera e falta de informação por parte do Itamaraty, se reuniram em frente à tenda oficial e cantaram o Hino Nacional. Meia hora depois, o presidente falou com a imprensa e chegou a acompanhar os jornalistas numa nova execução do hino.

Sobre os conflitos e a atuação da PM baiana, o presidente afirmou que não acolhia nenhum tipo de violência, mas deixou claro que concordava com os bloqueios. "Não se deve impedir qualquer manifestação, mas a provocação é repelida pela democracia porque ela abre as portas para o fascismo", disse.

Depois da coletiva, foi retomada parte da programação inicial. Acompanhado por Jorge Sampaio e comitivas, Fernando Henrique atravessou o Centro Histórico já sob o sol de fim de tarde, num passeio ao longo do qual foram apresentadas diversas manifestações populares, como a dança portuguesa do Troca Fitas, uma roda de capoeira Angela, danças indígenas e de orixás do candomblé, além de uma apresentação



da Filarmônica de Porto Seguro.

Enquanto a comitiva passava, a aposentada Francisca Santiago de Assis, 72 anos, assistia a tudo pelas janelas verdes, recém-pintadas, da casinha secular onde nasceram ela, a mãe e a avó. Além da janela, foram pintadas, na preparação do Centro Histórico para a festa, a parede da fachada e as novas portas de madeira maciça. Francisca apenas aprecia o que o espetáculo tem de bonito e diz que "as coisas são como são". ■